



## Temporalidade, mediação e tecnologia no jornalismo em ambientes digitais

Carlos Eduardo Franciscato<sup>1</sup>

Universidade Federal de Sergipe

**Resumo:** Este *paper* parte de um cenário de relatórios e diagnósticos nos últimos anos sobre as transformações e tendências no jornalismo contemporâneo para explorar a hipótese específica de que novas formas de experiência de temporalidade estão ocorrendo devido à expansão das tecnologias digitais da informação como mediadoras das relações e das práticas jornalísticas. Como o jornalismo carrega, entre suas características centrais, a criação de sentidos de tempo presente nos conteúdos e relações sociais de que participa, a proposta deste trabalho é procurar entender como essa mediação tecnológica modifica processos e relações temporais na atividade jornalística.

**Palavras-chave:** Jornalismo Digital; Temporalidade; Mediação tecnológica; Algoritmo; rede social digital.

### 1. Introdução

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutor em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Jornalista. E-mail: cfranciscato@uol.com.br.

A dependência das organizações jornalísticas em relação às companhias de tecnologia é profunda e está determinando como e com que tipos de narrativas os norte-americanos têm contato, no seu cotidiano, para aprender sobre as questões e eventos de sua sociedade e do mundo. A constatação é do *Pew Research Center*, um instituto de pesquisas com sede nos Estados Unidos, mantido por fundos públicos e privados, que elaborou, em junho de 2016, o relatório *The State of the News Media 2016*. Este documento, assim como dezenas de outros recentes, teve o propósito de diagnosticar as transformações e tendências das organizações jornalísticas no mundo.

Este *paper* parte de um cenário de diagnósticos para mensurar a influência da tecnologia sobre o jornalismo com base em um aspecto em particular: a sua temporalidade vinculada a um sentido de tempo presente. Podemos dizer, de forma simplificada, que a ideia de atualidade é um dos demarcadores da especificidade do conteúdo jornalístico em relação a outros textos. Nosso percurso busca, então, estimular um encontro entre estudos sobre temporalidade e tecnologia no jornalismo.

Exploraremos, aqui, a hipótese geral estar ocorrendo uma reformulação da experiência da temporalidade jornalística (e das mídias em geral) tendo por base a mudança no padrão de mediação produzido pelos aparatos da mídia digital. Se, no ambiente das mídias tradicionais, era possível pensar a mídia como sujeito institucional produtor de interações e intermediações no campo midiático, no ambiente das mídias digitais instituiu-se um novo tipo de mediação, a tecnológica, na forma de infraestrutura, linguagem, plataforma e ferramentas que condicionam e redirecionam formas e experiências comunicacionais. Assim, os termos “temporalidade” e “mediação” ganham um esforço de problematização de seus sentidos possíveis dentro do campo comunicacional.

Esse novo ambiente digital (interacional e cognitivo) opera práticas comunicacionais que apontam para uma reconfiguração dos dois modelos de mediação exercidos pelas mídias tradicionais, institucional e individual. Expande-se a forma de mediação tecnológica, capitaneada agora pelas tecnologias digitais de participação e interação em redes, transfigurando a institucionalidade das mídias em uma multiplicidade de ambientes e práticas comunicacionais que vêm redefinindo organizações e coletividades em direção a uma ampliação no ingresso e participação de

novos usuários, reforçando uma ideia de ecossistema com maior capilaridade, diversidade e integração.

As formas de temporalidade jornalística características das mídias tradicionais – instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública (FRANCISCATO, 2005) – são também atualizadas por esse novo ambiente. A delimitação do tempo presente como um demarcador da experiência jornalística é, assim, inquirida a partir de novas promessas de temporalidades múltiplas surgidas para estes ambientes digitais, os quais vem afetando também as demais características da estrutura conceptual institucional sobre a qual as organizações e práticas jornalísticas se estabeleceram.

Este *paper* explora, então, a hipótese específica de que há um tipo particular de mediação, de natureza tecnológica, que tem se tornado uma das bases para as novas configurações e práticas midiáticas na sociedade. Em consequência, esta mediação tecnológica direciona novas possibilidades de experiências temporais da mídia na sociedade. Como o jornalismo carrega, entre suas características centrais, a criação de sentidos de tempo presente nos conteúdos e práticas sociais de que participa, a proposta deste trabalho é procurar entender como essa mediação tecnológica modifica processos e relações temporais na atividade jornalística centralmente afetada pelas tecnologias digitais da informação e da comunicação.

Para isso, foram feitos dois movimentos. Em primeiro lugar, uma pesquisa bibliográfica a fim de delimitar as noções de mediação e de temporalidade aplicadas à mídia, particularmente à jornalística. Em seguida, executamos uma pesquisa documental por meio da leitura de relatórios e diagnósticos sobre jornalismo digital produzidos nos últimos anos por três organizações de pesquisa sobre o jornalismo: *The Tow Center for Digital Journalism*, *Pew Research Center* e *Reuters Institute for the Study of Journalism*.

## **2. Mediação tecnológica**

Sabemos que “mediação” é um termo polissêmico nas ciências humanas. Seus usos, portanto, também variam entre uma ideia de “termo médio” na filosofia como

forma de articular dois elementos em um raciocínio, passando por uma ideia de “intermediário” que auxilia ou opera uma aproximação ou encontro entre sujeitos e também uma ideia de “substrato” que viabiliza ou estabelece as condições para um conhecer ou um agir, seja como ordenamento, atribuição de sentido ou representação de uma realidade. Acreditamos que o jornalismo incorpora a segunda e terceira perspectivas, tratadas diferentemente em decorrência dos fundamentos teóricos que as geram.

No ambiente teórico das ciências sociais, as formas de mediação social têm sido consideradas do ponto-de-vista das relações socioculturais (como mediadoras dos processos sociais) ou com um acento aplicado ao papel que os meios de comunicação exercem nesta experiência. Para Roger Silverstone (2005, p. 202-203), a crescente centralidade da mídia no exercício do poder e na condução da vida cotidiana das sociedades modernas tem colocado o estudo da mediação no centro da agenda sociológica.

Nos processos midiáticos, a mediação pode ocorrer em diferentes momentos do fluxo comunicacional: na produção, circulação, interpretação, recepção ou recirculação. Se esse desenho insinua um fluxo circular e linear, Couldry (2008, p. 389) ressalta que uma das características da mediação é sua não-linearidade, ocorrendo em níveis e sentidos diferenciados conforme as situações sociais, reforçando uma ideia de complexidade de processos múltiplos e muitas vezes dialéticos. Lunt e Livinstone (2016, p. 464) preocupam-se em diferenciar mediação e midiatização, ressaltando nesta características específicas nem sempre presentes no primeiro termo: extensão, para o social, das capacidades humanas da comunicação, em alguns momentos substituindo atividades sociais anteriores por experiências midiatizadas; atribuição de uma forma midiática a interações e atividades sociais ou sua inserção dentro da lógica e do sistema de mídia.

Nestes estudos, o termo mediação tem alcançado algumas dimensões predominantes: cognitiva (mediação discursiva entre sujeitos e realidade), interacional (prática social de construção de sentidos), institucional (atores com legitimidade social para ter uma atuação mediadora entre atores e campos sociais) e tecnológica (como dispositivo que viabiliza materialmente as interações).

Uma das principais contribuições a esse debate ocorreu por meio da obra de Jesús Martín-Barbero, particularmente seu livro *De los medios a las mediaciones*, de 1987, bem como suas revisões posteriores. Se naquele livro Martín-Barbero se referia às “mediações culturais da comunicação”, citando particularmente três lugares de mediação – o cotidiano familiar, a temporalidade social e a competência cultural (1993, p. 233) –, em visitas posteriores ele sofisticou sua tese e, sem rejeitar as afirmações anteriores, revê o papel da comunicação no processo cultural, propondo as “mediações comunicativas da cultura”: a “tecnicidade”; a “institucionalidade” crescente dos meios como instituições sociais, a “socialidade” e a “ritualidade” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 151-2).

Foge à pretensão deste artigo explorar a riqueza dessa leitura, mas apenas acentuamos o amadurecimento do autor nesta questão: “tinha que fazer uma mudança que não era ir das mediações aos meios, mas perceber que a comunicação se adensava diante da nova tecnicidade, era a ‘institucionalidade’ da tecnicidade” (2009, p. 153).

Dentre essas novas mediações comunicativas da cultura, vamos explorar a “tecnicidade” como categoria analítica para o nosso propósito de elucidar novas temporalidades que se constituem em ambientes do jornalismo digital. Martín-Barbero caracteriza a tecnicidade como a “espessura sociocultural das novas tecnologias”, que possibilita olhar para um “novo estatuto social da técnica” (2018, p. 18). Ela age “não só no espaço das redes informáticas, como também na conexão dos meios – televisão e telefone – com o computador” (2018, p. 18).

Girardi Júnior interpreta esta tecnicidade em Martín-Barbero pela forma como ele reconhece o computador como mediador: “O código numérico passa a ser um dos mediadores universais da produção simbólica sob essa nova tecnicidade” (GIRARDI JÚNIOR, 2018, p. 150). É uma lógica computacional que possibilita a emergência de novos formatos industriais (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 152).

### **3. A mediação jornalística**

Quais tipos predominantes de mediação o jornalismo exerce na sociedade? Consideramos que as quatro dimensões da mediação midiática citados anteriormente –

cognitiva, institucional, interacional e tecnológica – estão presentes na atividade. A primeira pode ser expressa na ideia de que “o jornalismo se constitui em uma atividade com base no contrato de mediação cognitiva entre a realidade e os indivíduos” (GUERRA, 2008, p. 143). O que sustenta essa perspectiva cognitiva é a promessa do jornalista de levar os fatos, na forma de relatos, para um público. Para isso, recorre a uma noção de verdade e de fidelidade dos relatos por meio dos quais os indivíduos alcançariam a realidade das ocorrências.

Mas este esforço de busca pela verdade ocorre porque o jornalista procura cumprir outra forma de mediação, a institucional. “O princípio geral que estrutura a instituição jornalística em sua concepção moderna é a função mediadora que lhe cabe, isto é, operar a oferta de informações sobre fatos da atualidade para os indivíduos (GUERRA, 2008, p. 144). Esta então seria uma mediação restrita à disponibilização de informações jornalísticas, uma “mediação informativa”.

Acontece que o cenário contemporâneo do jornalismo tem sido afetado por uma ideia de crise ou perda de legitimidade, centralidade, reconhecimento e rentabilidade como organização jornalística capaz de produzir um conhecimento socialmente relevante para seus públicos. Por exemplo, as tensões entre o modelo de jornalismo comercial e os valores do jornalismo como instituição social, tensões estas que se estabeleceram a partir do século XIX em países como os Estados Unidos, atravessaram o século XX e ganham, neste século, ares de um impasse irreconciliável.

Nesta mesma perspectiva de mediação de sentidos sociais, Cremilda Medina uma década antes, acentuou a dimensão interacional, dialógica e temporal da mediação jornalística, embora operando em uma perspectiva micro-social de análise em que a construção social dos sentidos não está concentrada nas instituições, mas no cotidiano, nas ruas. A autora buscou apreciar “a prática do repórter como um mediador social dos discursos da atualidade” (2003, p. 34) produzindo “mediações socioculturais do presente” (2003, p. 79).

O desafio do jornalista como mediador seria criar condições de diálogo em ambientes invadidos pelo poder, mercado e práticas sociais de intolerância e ódio. Como mediadores sociais, os jornalistas são convidados a “se deslocarem da passividade das técnicas adquiridas para a ação complexa, solidária e inovadora no ato

de relação com o outro e com o mundo” (MEDINA, 2003, p. 51). Para a autora, a dialogia social presentifica: “ao desejar contar a história social da atualidade, o jornalista cria uma marca mediadora que articula as histórias fragmentadas” (2003, p. 48).

#### **4. As temporalidades no jornalismo**

Aproveitaremos o percurso de Medina ao pensar a perspectiva de que a mediação tecnológica constitui-se por meio de infraestruturas, linguagens, plataformas e ferramentas desenvolvidas no padrão das tecnologias digitais da informação e da comunicação que condicionam e redirecionam formas e experiências comunicacionais, em particular a temporalidade jornalística. Há, no entanto, algumas premissas necessárias a serem consideradas sobre a temporalidade no jornalismo, conforme exploramos em trabalho anterior (FRANCISCATO, 2005):

- o tempo presente é uma dimensão essencial ao jornalismo;
- o tempo da experiência do ator ao agir no mundo é prioritariamente presente. Ao vivermos o presente, necessitamos desenvolver recursos simbólicos para ordenar esta experiência;
- a experiência temporal do jornalismo vinculada ao presente estabeleceu-se no próprio percurso histórico de surgimento e consolidação do jornalismo;
- a temporalidade do presente orientou a institucionalização do jornalismo na organização interna de suas práticas e definição de seu produto, assim como nas relações sociais que as organizações jornalísticas estabeleceram;
- a temporalidade do presente dá uma forma cultural ao principal produto jornalístico, a notícia, tornando-a reconhecível e estabelecendo os seus limites de sentido, atuação e existência social;
- a notícia traz, normalmente de forma explícita, marcas do presente que afirmam sua singularidade temporal e sua duração breve;
- há, no jornalismo, um sincronismo fundamental entre a temporalidade do seu produto e o tempo de uma série de ações públicas em construção;

- o jornalismo não apenas produz relatos sobre eventos, mas sua inserção social faz com que ele esteja imerso no processo de construção da experiência social do presente. O jornalismo não cria o tempo presente, mas atua de forma privilegiada como reforço desta temporalidade social;
- o jornalismo vive em permanente tensão pelo risco de que o sentido de tempo que traz no seu discurso se descole do tempo do mundo.

Para tornar mais sistemáticas essas percepções, trouxe cinco categorias descritivas da atualidade jornalística, construídas historicamente, as quais buscaram descrever tipos específicos de fenômenos temporais que o jornalismo opera:

a) instantaneidade: refere-se a uma possibilidade material de ausência do intervalo de tempo entre a ocorrência de um evento e seu registro, transmissão e recepção por um público, assim como uma referência simbólica que vincula fenômenos socioculturais a experiências do presente.

b) simultaneidade: o jornalismo opera relações de simultaneidade ao propor sincronizar ações, eventos e sujeitos em um mesmo momento, mesmo que ocorram diferenças na velocidade de realização, duração, conseqüências ou desdobramentos.

c) periodicidade: A produção regular de notícias deu à sociedade um envolvimento continuado com eventos, desenvolvendo padrões de acompanhamento e lembrança de eventos e direcionando modos de definir notícia. Hoje, esse modelo tradicional é desafiado pela instantaneidade do fluxo contínuo.

d) novidade: a notícia é indissociável de uma lógica de inovação, originalidade ou renovação que padroniza um modo de reconhecer e definir eventos e os apresentar publicamente por meio do relato jornalístico.

e) revelação pública: o jornalismo constroi temporalidade em sua lógica discursiva, pois intervém na construção do tempo ao ser enunciado por meio de regras discursivas. O



tempo da enunciação é, para o jornalismo, um 'marco zero' no tempo de circulação pública de uma notícia.

## 5. Temporalidades jornalísticas e mediações tecnológicas

Como se manifesta a mediação tecnológica no jornalismo digital? Analisamos relatórios e diagnósticos sobre cenário e tendências do jornalismo digital produzidos entre 2012 a 2018 por três organizações de pesquisa sobre o jornalismo: *The Tow Center for Digital Journalism*, *Pew Research Center* e *Reuters Institute for the Study of Journalism*. No conjunto, esses dossiês expressam as mudanças mais recentes em curso no jornalismo, sejam estruturais ou inovações em práticas, processos e produtos jornalísticos. Da variedade de novas situações, optamos preferencialmente por escolher aquelas que fossem capazes de influir nos processos de construção simbólica e experiência social que o jornalismo opera e, em consequência, efeitos sobre as experiências temporais do jornalismo.

A base computacional que regula essa nova prática jornalística rompe com as rotinas e hábitos constituídos nas e pelas mídias tradicionais. Elementos como algoritmos, inteligência artificial, automação, redes sociais digitais e *big data* são dispositivos que estruturam vastas áreas de operação na internet. Eles compõem essa tessitura de “tecnicidade” atuando como mediadores tecnológicos porque condicionam e introduzem novas possibilidades de experiências socioculturais: afetam a lógica de funcionamento das mídias tradicionais, conduzindo-as a operar dentro desse novo espaço informacional; ampliam recursos e competências comunicacionais de produtores e públicos; estabelecem códigos, formatos, possibilidades de conexão, leitura e compartilhamento de unidades textuais diversas; inovam os formatos industriais e alimentam a emergência de novos padrões; intensificam situações de trânsito entre formas de mediação midiática, particularmente a institucional (geradas no seio das mídias) e a interacional (desencadeadas nos encontros pulverizados pelas redes sociais digitais).

Seria equivocado perceber esses elementos tecnológicos como fatores isolados. São, na verdade, expansões de um padrão socio-tecnológico comum e, por isso,

complementam-se como faces de uma mediação tecnológica midiática. Ao considerar as transformações que introduzem na experiência temporal do jornalismo, vemos que afetam em diferentes intensidades cada uma das cinco características da temporalidade jornalística, pois formam a base de um sistema complexo que opera sob lógicas da descentralização e da multiplicidade. A esta diversidade e integração associam-se também princípios de capilaridade (horizontalidade e vocação agregadora de novos membros), contribuindo para constituir um ecossistema informacional em que fluxos de informação e ação têm um tempo contínuo: enredam-se de forma instantânea e simultânea.

Um dos elementos centrais componentes desses processos que qualificamos como mediação tecnológica na internet é a automação digital. O centro desse conceito é o de possibilitar decisões “automatizadas” em um vasto campo de atividades, ou seja, a utilização de ferramentas informacionais para que as decisões independam de reflexão humana para ocorrer. Isto pode valer por quase qualquer decisão a ser tomada no ambiente da internet – talvez seja impraticável encontrar um exemplo de ação, no ciberespaço, sem o uso dessas ferramentas automatizadas. Entretanto, esse processo lógico tem alcançado fecundidade nos setores industriais por introduzir mais eficiência e produtividade, entre elas a economia de custos e a otimização do tempo.

Um dos termos com que esse modelo vem sendo caracterizado é o de “web semântica”, caracterizada como um ambiente *web* em que agentes inteligentes, como *softwares*, podem realizar automaticamente tarefas complexas para usuários (BERNERS-LEE, HENDLER, LASSILA, 2002, p. 25). Entre suas ações está a de “promover a recuperação, processamento e mediação da informação em benefício dos usuários”, visando, para isso, que os “computadores ‘compreendam’ o sentido dos dados” por meio de um processamento que leve em consideração o significado e o contexto dessas informações (SANTARÉM SEGUNDO, CONEGLIAN, LUCAS, 2017, p. 298).

Estudos como o de Lammel e Mielniczuk (2012, p. 192-193) transportaram essa compreensão para entender processos jornalísticos. Dentre as características que esses autores perceberam, em análise empírica do produto web *BBC Wildlife*, está a ampliação da potencialidade do uso da memória social disponível nos aparatos

informativos e acionável na forma de um “sistema ativador da memória”. A possibilidade de criar um sistema que integre diferentes regimes temporais em um mesmo ambiente com base na categoria da memória social (PALACIOS, 2010, p. 38-39) visualiza, por si só, uma promessa de simultaneidade de temporalidades no jornalismo: “nunca em tempos históricos nossa sociedade esteve tão envolvida e ocupada em processos de produção de memória; nunca o estoque de memória social esteve tão fácil e rapidamente disponível, bem como o jornalismo tão centralmente localizado em meio a tudo isso”.

No relatório do *Reuters Institute “Journalism, media, and technology - Trends and predictions 2018”*, os pesquisadores entrevistaram 194 editores, executivos e gestores da área digital de empresas de mídia de 29 países e constataram que a quase totalidade deles pretende adotar estratégias de automatização para aumentar a produtividade sem necessitar exercer uma pressão direta sobre os jornalistas (NEWMAN, 2017, p. 31). Tal estratégia expressa um dos princípios da automação: a otimização do tempo. No ambiente jornalístico, imagina-se que a automação reduza o tempo da produção por meio da eliminação de tarefas repetitivas ou tendentes à mecanização, garimpagem ou gestão de dados, bem como a eliminação de tarefas paralelas (de menor importância e, portanto, automatizáveis) na execução de uma atividade. Dessa forma, criam-se condições mais favoráveis para a adoção de fluxos contínuos de produção, com a redução de etapas que demandem tempo, visando a uma busca acentuada por uma instantaneidade material.

Na verdade, não são apenas as rotinas de produção das organizações jornalísticas que se modificam com a automação, mas também para os demais atores do ecossistema jornalístico. Por exemplo, aos usuários podem ser melhoradas ferramentas automatizadas de bloqueio de conteúdos jornalísticos indesejáveis, como já acontece na publicidade com os navegadores *web* que bloqueiam automaticamente a “publicidade excessivamente intrusiva” (NEWMAN, 2017, p. 26). Ferramentas automatizadas de *fact-checking* podem se tornar disponíveis para jornalistas e demais usuários de conteúdos jornalísticos (NEWMAN, 2017, p. 30) ou mesmo para “produzir textos a partir de dados estruturados” (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2013, p. 44-45).

Como esses fatores são complementares em um ambiente de mediação tecnológica midiática, não podemos dissociar radicalmente automatização, inteligência artificial, bancos de dados e algoritmos, pois são associados na atividade jornalística. A automação depende de “conjuntos estruturados de informações e conjuntos de regras de inferência que podem ser usados para conduzir o raciocínio automatizado” (BERNERS-LEE, HENDLER, LASSILA, 2002, p. 26). Neste caso, a inteligência artificial contém um potencial ainda impreciso. Ela pode permitir que jornalistas analisem dados, identifiquem padrões, tendências e os tipos de fontes necessárias, observem com mais precisão situações poucos discerníveis e percebam riquezas de detalhes etc (NEWMAN, 2017, p. 29).

Marconi e Siegman (2013) relatam que jornalistas da agência de notícias *Associated Press* propuseram, em 2013, que fosse desenvolvido um programa de computador (robô) com habilidade de inteligência artificial para automatizar a criação de determinado conteúdo de notícias. A justificativa apresentada foi a necessidade de dar conta de dois desafios contemporâneos: “o aumento incessante de notícias a serem cobertas e as restrições humanas associadas à cobertura” (2013, p. 1).

Embora o termo inteligência artificial possa parecer aterrador para uma profissão que se deseja intelectual, os relatos que se avolumam indicam a tendência de incorporação dessas ferramentas lógicas de resolução de tarefas simples ou problemas complexos, demanda em parte originada pela própria forma tecnológica de mediação. Assim, a experiência social do tempo presente se ajusta a estruturas de operação de sistemas de lógica computacional e se torna dependente destas competências para gerar suas formas socio-simbólicas de mediação.

Outra ferramenta de mediação tecnológica é o algoritmo. Ele é como um conjunto de instruções que um computador executa ao processar informação, para resolver um problema ou cumprir uma tarefa. Atua como uma ferramenta automatizada que independe de uma decisão humana para cumprir cada tarefa. Hoje, é difícil visualizar uma aplicação *web* que não possua algoritmos para executar tarefas, seja para automatizar buscas oferecidas por um *site* especializado, seja para dar visibilidade a determinadas páginas nas redes sociais digitais adequadas a um comportamento do usuário. Como essa padronização resulta de uma decisão humana ou um aprendizado de

comportamentos (PEW, 2016, p. 7), o fator humano é relevante na definição das soluções possíveis a problemas.

Os processos jornalísticos nos ambientes digitais são hoje estruturados por algoritmos. A busca por informações na internet por parte de jornalistas, seja dados básicos quanto interpretações, resulta em páginas pré-definidas. A mera tentativa de ler conteúdos jornalísticos em agregadores de notícias ou redes sociais digitais – opção da maioria dos leitores em pesquisa realizada em 37 países em 2018 (NEWMAN *et al*, 2018, p. 13) – passa por um filtro automatizado de preferências que direciona certas informações em detrimento de outras. Ao impor modelos, o algoritmo reduz a possibilidade de diversidade de leituras possíveis e estabelece padrões ao jornalismo (NEWMAN, 2017, p. 29) e, ao mesmo tempo, cria a possibilidade de geração de notícias algorítmicas não verificadas (MARCONI, SIEGMAN, 2013).

Os sistemas de tecnologia digital operam com uma lógica de instantaneidade real de seu processamento de informação, a qual se impõe como condição de mediação neste ambiente. Sensíveis a isso, os jornalistas vem buscando redefinir suas práticas e suas formas de trabalho incorporando esses princípios de instantaneidade e de fluxo contínuo para produzir relatos que tragam experiências múltiplas e simultâneas de tempo. A temporalidade social que o jornalismo cultivava não se perde na lógica computacional, mas se redefine em um processo que é também de múltiplas mediações: institucional, individual e tecnológica.

Os algoritmos e demais ferramentas de automação ajustam-se a um ecossistema em que está presente uma mudança de perfil dos públicos. O tempo dedicado à leitura exclusiva ou concentrada em um único veículo midiático parece vir sendo substituído por uma temporalidade múltipla caracterizada por leituras em simultaneidade em telas de diferentes dispositivos. É uma reação do leitor a um fluxo constante de oferta noticiosa em um ecossistema em que os intervalos de emissão contidos na ideia de periodicidade se tornam escassos, e o bombardeio é constante na forma de notificações *push* de conteúdos jornalísticos supostamente de interesse do leitor (principalmente via *smartphones*): “As organizações de notícias precisam repensar seu papel em um mundo onde as pessoas, cada vez mais, não procuram mídia, mas estão imersas nela” (NEWMAN, 2017, p. 46). Acrescentemos a essa “compressão de fluxo” as

recomendações de leitura por meio de compartilhamentos de notícias feitos por amigos de redes sociais digitais (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2013, p. 35), incluindo as redes em comunidades de grupos pequenos ou segmentados: “plataformas de mensagens como *WhatsApp* e *Facebook Messenger* estão crescendo rapidamente em geral, mas também para notícias”(NEWMAN, 2017, p. 19).

Os sistemas automatizados alteram a temporalidade da “novidade” no jornalismo, na medida em que o fluxo contínuo dificulta a espera pelo encerramento de um fato em andamento. Deuze diagnostica uma passagem de um “jornalismo de produto” para um “jornalismo de processo”: neste, “é possível publicar pedaços de história à medida que a mesma se desenrola. Desse modo, você pode manter a história viva e dar a ela continuidade” (DEUZE *apud* BECKER, 2016, p.206). Tal condição possibilita uma reescrita contínua da notícia, sua reformatação e edição dinâmica, bem como o trânsito entre mídias. Isso indica uma expansão do recorte temporal que o jornalista aplica ao fato, com acréscimos, acúmulos, alterações de pontos-de-vista e desdobramentos do relato noticioso.

O ambiente de dados em que se configurou o jornalismo digital indica a intensidade da nova lógica de mediação tecnológica. O armazenamento, a disponibilização, o acesso, o processamento e a recuperação de dados extrapolam o modelo de periodicidade jornalística ou mesmo de uma temporalidade localizada no evento. É uma dimensão que opera em fluxo contínuo, conduzido por ações de garimpagem de dados, sua análise, configuração de factuais jornalísticas para sua enunciação pública. Consulta do *Reuters Institute* em 2017 junto a organizações jornalísticas indicava que “quase dois terços dos editores (62%) disseram que melhorar a capacidade de dados era sua iniciativa mais importante para o próximo ano” (NEWMAN, 2017, p. 27).

Ao mesmo tempo, essa demanda aumenta a dependência do campo jornalístico à mediação tecnológica. “Se há algo que a máquina faz melhor do que o homem é garimpar com rapidez grandes volumes de dados” (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2013, p. 44). Tal cenário parece indicar uma “relação estreita e simbiótica” (2013, p. 49) entre jornalistas, sistemas automatizados de dados e a multiplicidade de redes de usuários.

Os relatórios do *Reuters Institute* apontam também para uma forte presença das mídias sociais como ambiente em que o público tem acesso às notícias (NEWMAN, 2017, p. 7). Ao mesmo tempo, já capturam as oscilações de comportamento devido a uma crescente desconfiança a respeito dos interesses comerciais de grandes operadores das redes sociais digitais como o *Facebook* por sua capacidade de direcionar o acesso de conteúdos jornalísticos, ao contrário do *WhatsApp*, cujo uso por notícias quase triplicou desde 2014 e vem superando o *Twitter* em importância na maioria dos países pesquisados (NEWMAN *et al*, 2018, p. 9-10).

Independente destas oscilações, este ambiente tecnológico incorpora os leitores como mediadores temporais desse ecossistema informativo, pois a eles é atribuído um valor de autenticidade, de interesse no esclarecimento dos fatos, na expressão de opiniões e na superação das mediações institucionais que atuavam como barreiras no acesso aos eventos. As redes sociais digitais criam a sensação de encontro do público entre si, de uma horizontalidade plena e de um valor de verdade jornalística baseado na imediaticidade (a não-mediação).

Assim, o produto jornalístico, reconfigurado por lógicas de mediação tecnológica, expande a presença do “tempo dos leitores” (GOMIS, 1991, p. 29). As redes sociais digitais alimentam um tipo de 'presente social' que trabalha uma lógica própria de “sedimentação dessas informações na consciência dos leitores” (1991, p 23).

## **6. Considerações finais**

Pensar a temporalidade jornalística no contexto das tecnologias digitais da informação e da comunicação teve, nesse *paper*, a convergência de três movimentos analíticos: a) as noções e características desta temporalidade à luz das novas configurações do jornalismo contemporâneo; b) o reconhecimento de novas infraestruturas digitais (denominadas aqui mediações tecnológicas) que dão lastro às interações socioculturais, entre elas as temporais; c) a análise de experiências tecnologicamente inovadoras no jornalismo digital contemporâneo como exemplos problematizadores para considerar as relações entre temporalidade e mediação.

Procuramos demonstrar que, se, na configuração tradicional do jornalismo, a sua temporalidade produzia uma marca cultural de um tempo presentificado, tendo a notícia como chave de sentido de uma atualidade que afirmava não haver um desencaixe entre o tempo do conteúdo jornalístico e o tempo do mundo social, as experiências socioculturais no ambiente da internet utilizam a lógica da conectividade técnica para relacionar diversas experiências temporais. O jornalismo diminui sua força como instituição centralizadora e normatizadora de um tempo social, de uma identidade temporal uniformizadora e cede espaço a temporalidades múltiplas, construídas e vividas em diferentes experiências, seja nos eventos, no processo de produto ou nas formas de recepção, compartilhamento e ressignificação dos conteúdos. O conceito de “tempo do leitor” (GOMIS, 1991), referido a uma experiência das mídias tradicionais, renova-se para abarcar um leitor ativo das novas mídias digitais, que se sente estimulado a produzir conteúdos com viés jornalístico.

## 7. Referências Bibliográficas

- ANDERSON, c. w.; BELL, E.; SHIRKY, C.. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, Nº 5, abr-jun 2013, p. 30-89.
- BASSETT, Caroline. Of distance and closeness: the work of Roger Silverstone. **new media & Society**, Vol9(1). London: Sage, 2007, p. 42-48.
- BECKER, Beatriz. Vida na Mídia: além do jornalismo. Entrevista com Mark Deuze. *Revista Eco Pós*, V. 19, Nº.1, 2016, p. 200-216.
- BERNERS-LEE, Tim; HENDLER, James; LASSILA, Ora. The Semantic Web. **Scientific American Special Online Issue**, abr/2002, p. 24-30.
- COULDRY, Nick. Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergent space of digital storytelling. **new media & society**, Vol10(3). Los Angeles: SAGE, 2008, p. 373-391.
- FRANCISCATO, Carlos E. **A Fabricação do Presente** – Como o Jornalismo Reformulou a Experiência do Tempo nas Sociedades Ocidentais. São Cristóvão (SE): Editora UFS/Fundação Oviedo Teixeira, 2005.
- GIRARDI JÚNIOR, Liráucio. De mediações em mediações: a questão da tecnicidade em Martín-Barbero. **Matrizes**, V.12 - Nº 1 jan./abr. 2018, p. 155-172.
- GOMIS, Lorenzo. **Teoría del periodismo - Cómo se forma el presente**. Barcelona: Paidós, 1991.



LAMMEL, Iuri; MIELNICZUK, Luciana. Aplicação da Web Semântica no jornalismo. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Vol. 9, Nº 1, jan/jun 2012

LUNT, Peter; LIVINSTONE, Sonia. Is ‘mediatization’ the new paradigm for our field? A commentary on Deacon and Stanyer (2014, 2015) and Hepp, Hjarvard and Lundby (2015). **Media, Culture & Society**, Vol. 38(3). London: Sage, 2016, p.462–470.

MARCONI, Francesco; SIEGMAN, Alex. **The Future of Augmented Journalism: A guide for newsrooms in the age of smart machines**. New York, Associated Press, 2013.

NEWMAN, Nic *et al.* **Digital News Report 2018**. Reuters Institute for the Study of Journalism. Oxford: United Kingdom, 2018, 143 p.

NEWMAN, Nic. **Journalism, media, and technology - Trends and predictions 2018**. Reuters Institute for the Study of Journalism. Oxford: United Kingdom, 2017, 50 p.

PALACIOS, Marcos. Convergência e memória: jornalismo, contexto e história. **Matrizes**, Ano 4, Nº 1 jul./dez. 2010, p. 37-50.

PEW RESEARCH CENTER. **The State of the News Media 2016**. Washington, DC, United States of America, 118 p.

SANTARÉM SEGUNDO, José E.; CONEGLIAN, Caio S.; LUCAS, Elaine R.. Conceitos e tecnologias da Web semântica no contexto da colaboração acadêmico-científica: um estudo da plataforma Vivo. **TransInformação**, 29(3), set./dez. 2017, p. 297-309.

SILVERSTONE, Roger. The Sociology of Mediation and Communication. In: CALHOUN, Craig; ROJEK, Chris; TURNER, Bryan S. **The SAGE Handbook of Sociology**. New York: SAGE, 2005, p. 188-207.